

O INVENTARIO E SEUS ACTORES E ACTRIZES NO PANORAMA MUSEOLÓGICO PORTUGUÊS MUSEU UNIVERSITÁRIO

Museu Nacional de História Natural - Departamento de Zoologia
Património natural e biodiversidade

Alexandra Cartaxana (Técnica do Departamento de Zoologia com intervenção na área do inventário)

Lisboa - 02 / 10 / 2008

1. A inventariação, o inventariante e o Museu

Alexandra Cartaxana (A.C.): Circuito... o que é que é um circuito de inventariação?

É todo o processo desde que entram as peças no Museu, são documentadas... até que passam a estar na posse do Museu para efeitos variados: exposição, investigação, etc. Pode ser, por exemplo, que o circuito comece fora do Museu quando vão buscar as peças, ou quando recebem um telefonema de um doador.

A.C.: A gente tem um documento de política de colecções.

Sobre a função da inventariação:

1.1. Diga-me as 10 primeiras palavras que lhe venham ao pensamento quando ouve falar em "inventário".

1. Colecção
2. Base de dados
3. Etiquetas
4. Registo
5. Frascos, porque trabalho com frascos
6. Data
7. Local
8. Nome, vem-me esse tipo de informação
9. Identificação
10. Quem foi o ofertante ou colector.

1.2. Queria pedir-lhe para me desenhar/descrever, primeiro por palavras, mas também num esquema simples, o circuito de inventariação do Museu nas condições actuais

Por exemplo a última entrada?

A.C.: A última entrada que me lembre foi uma doacção.

E que circuito segue?

A.C.: Nós tivemos o contacto por telefone. Era uma família que queria doar uma colecção de insectos de um senhor que já tinha morrido. Nós fomos lá, vimos a colecção, vimos os registos, interessou-nos. Fomos arranjar maneira de trazer a colecção para cá. Portanto tivemos que arranjar carro, pessoas para nos ajudar a carregar e trouxemos a colecção cá.

E qual é o circuito depois da colecção chegar aqui?

A.C.: Esta, como já vinha toda montada, já vinha em caixas com os insectos já todos montados, entrou directamente na sala de colecções. É uma oferta um bocadinho diferente. Agora tem que se passar os dados todos que estão em fichas para uma base de dados. Mas essa até está toda arranjadinha. Normalmente, quando entra material que a gente colecta, tem outro caminho, a gente apanha ou alguém apanha o material e dá-nos.

Quando diz apanha... Quem é que apanha? São os próprios investigadores?

A.C.: Sim, ou nós. O ligados a trabalhos de investigação, o alguém da faculdade que nos dá material, em fim. Aí ou nos dão congelados ou nos dão já em álcool, certo? Isto depende um bocadinho. Nós temos vários tipos de colecções. Eu trabalho com invertebrados, tenho um tipo de tratamento, mas se eu trabalhar com mamíferos tem outro tipo de tratamento porque tem que ir para a preparação, o material tem que ser todo preparado ou montado: preparada a pele, os ossos, essas coisas todas. Portanto, são caminhos um bocadinho diferentes. Mas o que acontece é que a gente dá entrada.

Em termos gerais, no vosso Departamento de Zoologia...

A.C.: Dá entrada, depois faz registo da entrada, depois das duas, uma: ou o material já está preparado para entrar na colecção, e se está preparado damos número de colecção e entra.

Quando diz que entrou na colecção é porque vai directamente para as reservas?

A.C.: Damos-lhe um número e metemos na colecção, noutro frasco ou qualquer coisa, fazemos o registo, número de colecção, ou coiso: entra na colecção. Quando o animal não está ainda preparado muitas vezes o que acontece é que vai: o para o frigorífico ou fica num sítio à espera. Quando há disponibilidade para isso temos que preparar o material e depois então faz este caminho, portanto pode ter mais um passo que é ficar em espera, porque nós temos muito pouco pessoal e não temos capacidade para fazer sair... então preparação de mamíferos e aves, são coisas que demoram. É complicado.

Quando me diz aqui entrada, registo...

A.C.: Quero dizer, registo da entrada. Temos uma folha de registo. Registamos os dados que estão associados ao material.

E quando me diz "registamos", regista em quê? Informaticamente?

A.C.: Temos uma folha de entrada. Uma espécie de ficha. Porque o passar para registo de computador é uma coisa que está a ser feita só agora. Ainda está tudo um bocado atrasado.

E o computador entra em que fase?

A.C.: Entra depois de já estar nas reservas.

Pode-se falar em reservas ou não? Há realmente reservas? Vocês usam esse termo?

A.C.: Cada colecção tem o seu espaço de reserva separado, não há um sítio de reservas.

Depois, quando têm disponibilidade é que vão buscar às reservas para fazer o registo no computador?

A.C.: Não precisamos de ir buscar o exemplar como temos os registos das coisas, passamos para o computador.

Vão buscar este, ou este?

A.C.: Vamos buscar tudo, este, este, as condições de preparação, as condições de que nos deram das colheitas de campo e o número de colecção. Registamos tudo, registamos o mais possível.

Podemos por aqui: 1, 2, 3. Assim consigo orientar-me melhor?

Depois, com esses três é que vocês inserem...

A.C.: Sim, depois é que passa para o papel. Nós, as pessoas que estamos aqui agora, o que recebemos foi, colecções que não estavam... com fichas destas: foi isto. Temos um défice para trás. Quando chegámos cá, eu estou cá, há 3 ou 4 anos, o que encontrámos foi fichas feitas à mão e alguma coisa até sem informação.

1.3. Gostaria então que me dissesse, sob condições ideais, qual seria o circuito adequado.

A.C.: Em termos de circuito, eu não acho que a sequência esteja errada, pelo menos a mim não me parece. O problema é as condições em cada um destes passos. Ou seja, as condições das reservas são más, temos pouca gente para fazer estas preparações do material e ultimamente até temos recibo pouca coisa. Agora por acaso vamos ter outra doação. Mas nós estamos numa época um bocadinho diferente, hoje já ninguém pode andar a matar aves e mamíferos para fazer colecções, não é. O tipo de colecções de História Natural está a mudar um bocadinho. Começamos a ter também dna's e tecidos, essas coisas estamos a fazer também.

Mas então mantinha os mesmos passos?

A.C.: Sim, dava era mais condições, principalmente à reserva.

2. A última incorporação

2.1. Diga-me em qual das modalidades foi feita a última incorporação de um bem cultural/exemplar:

2.1.1. Compra	<input type="checkbox"/>	2.1.10. Proveniência desconhecida	<input type="checkbox"/>
2.1.2. Doação	<input checked="" type="checkbox"/>	2.1.11. Herança	<input type="checkbox"/>
2.1.3. Empréstimo	<input type="checkbox"/>	2.1.12. Permuta	<input type="checkbox"/>
2.1.4. Legado	<input type="checkbox"/>	2.1.13. Afectação permanente	<input type="checkbox"/>
2.1.5. Recolha	<input type="checkbox"/>	2.1.14. Preferência	<input type="checkbox"/>
2.1.6. Achado	<input type="checkbox"/>	2.1.15. Dação em pagamento	<input type="checkbox"/>
2.1.7. Transferência	<input type="checkbox"/>	2.1.16. Depósito	<input type="checkbox"/>
2.1.8. Expropriação	<input type="checkbox"/>	2.1.17. Produção própria	<input type="checkbox"/>
2.1.9. Fundo antigo	<input type="checkbox"/>	2.1.18. Outra. Qual?.....	

2.2. Indique-me agora em qual das modalidades foi feita a última incorporação de uma colecção:

2.2.1.	Compra	<input type="checkbox"/>	2.2.10.	Proveniência desconhecida	<input type="checkbox"/>
2.2.2.	Doação	<input checked="" type="checkbox"/>	2.2.11.	Herança	<input type="checkbox"/>
2.2.3.	Empréstimo	<input type="checkbox"/>	2.2.12.	Permuta	<input type="checkbox"/>
2.2.4.	Legado	<input type="checkbox"/>	2.2.13.	Afectação permanente	<input type="checkbox"/>
2.2.5.	Recolha	<input type="checkbox"/>	2.2.14.	Preferência	<input type="checkbox"/>
2.2.6.	Achado	<input type="checkbox"/>	2.2.15.	Dação em pagamento	<input type="checkbox"/>
2.2.7.	Transferência	<input type="checkbox"/>	2.2.16.	Depósito	<input type="checkbox"/>
2.2.8.	Expropriação	<input type="checkbox"/>	2.2.17.	Produção própria	<input type="checkbox"/>
2.2.9.	Fundo antigo	<input type="checkbox"/>	2.2.18.	Outra. Qual?.....	

A.C.: A última foi doação.

E era uma colecção?

A.C.: Era uma colecção.

Exemplares isolados é raro?

A.C.: Há algumas pessoas que vêm dar exemplares isolados.

O último exemplar isolado também foi doação?

A.C.: O último isolado foi uma ave, é... vieram cá entregar: foi uma doação também... ou recolhas do Zé Pedro?

Resposta da companheira de departamento (C.D.): Não são recolhas, são contactos que ele tem, amigos dele...

A.C.: É um bocado diferente da doação, eu acho.

Mas também não é um depósito, já que foi entrega definitiva.

A.C.: São pessoas que trabalham na área, porque o Zé Pedro também trabalha na área. A gente trabalha em determinadas áreas, depois ligamos a essas pessoas, essas pessoas tem trabalhos e depois dão-nos o material do trabalho deles. Isso acontece muito, alias porque hoje em dia convém, quando se publica, referir que, determinado coiso está no museu tal com o número tal, não eh?

Seria uma modalidade de doação?

A.C.: Sim, acho que sim.

3. Uma história simples

Pode contar-me uma história acerca de uma dessas aquisições – ou de outra que lhe venha à memória agora e que julgue interessante – referindo em especial:

- 3.1. A data – certa ou aproximada – em que ocorreu;
- 3.2. As negociações entre o/a doador/a, ou vendedor/a, e a direcção do Museu ou quem o representou (as pessoas que participaram nessas reuniões);
- 3.3. Onde estava guardada o bem/exemplar ou a colecção;

3.4. Como se fez o reconhecimento local da situação em que se encontrava o bem /exemplar? A pessoa que fez a venda ou a doação deixou tirar fotografias no local?

3.5. As observações que foram efectuadas nesse local foram consideradas importantes para o conhecimento desse bem/exemplar e para a sua *nova forma de vida* no contexto do Museu?

3.6. A chegada ao Museu: Quem se interessa por ver o bem/exemplar ou a colecção? Quem tem acesos a ele? Contam-se histórias? Acontece algo de novo no Museu e nas relações entre as pessoas?

3.7. Como são feitos o inventário e a arrumação no contexto do Museu?

A.C.: Data, não me recordo. Quando é que foi a doação do Mendonça? Já não me recordo.

C.D.: Foi no ano passado.

A.C.: Mas ainda não entrou. Ainda só há intenção. A última que houve foi a doação de insectos, mais que são milhares de insectos. Que está em caixas, e portanto veio toda montada... Essa foi doada em 2007. Acho que no primeiro semestre de 2007... Agora data exacta não me recordo, posso procurar.

Princípios de 2007?

A.C.: Antes das férias de verão.

Finais do primeiro semestre?

A.C.: Sim, tenho que procurar.

Como é que chamam a essa colecção?

A.C.: Chamamos a Colecção Mendonça. O senhor chamava-se Mendonça.

E é uma colecção de quê?

A.C.: Insectos de Portugal.

Com alguma época, período...

A.C.: O senhor era coleccionador...

Todo o tipo de insectos?

A.C.: Sim. Ele apanhava desde borboletas a outros insectos.

Não há mais nenhum critério? Todo tipo de insectos e...segunda metade do século XX?

A.C.: É, deve ser, que o senhor morreu já na segunda metade do século XX. Se calhar já apanhava antes dos anos 50, porque os filhos já são velhotes, os filhos já tem agora 60 ou 70 anos. Eu não estou dentro desta colecção completamente, que é de insectos. Quem tratou foi a Alexandra Marçal, actual directora do departamento de zoologia, eu acompanhei um bocado, fui com ela, mas não sei exactamente o que é que consta da colecção, que não é a minha área.

Quando vão ao local, o que é que fazem? Registam todos estes dados para perceber se interessa... ficar com a colecção ou não? Quem é que vá? Que é que faz lá?

A.C.: Pronto. Neste caso foi a Alexandra Marçal, fui eu e acho que a Diana também foi. Fomos lá as três, e o que fomos ver foi em que estado estavam os bichos. Se havia informação biológica anexa à colecção, por que isso nos interessa. Para nós pouco nos interessa um exemplar que não tenha informação de local, data, do sítio onde foi colhido, toda essa informação para nós é essencial. Se não existir, o objecto não nos interessa basicamente. Pode interessar para efeitos expositivos, mas não interessa para colecção científica.

Nós temos colecção científica e o que não está nas colecções científicas pomos eventualmente, para exposições. Mas a colecção científica interessa-nos que tenha essa informação.

E tinha, todos os exemplares tinham informação anexa, tinham as etiquetas todas introduzidas, estavam algumas coisas fotografadas.

Tinha fichas individuais?

A.C.: Sim. Sim, com todos os exemplares.

Cada ficha tinha fotografia e tudo?

A.C.: A ficha não trazia a fotografia, tinha um cd que tinha fotografias da colecção.

É um caso fora do normal, não?

A.C.: Sim, era um senhor... e o filho também o acompanhou.

C.D.: O filho tinha alguma formação, era professor universitário.

A.C.: Sim mas era de áreas diferentes. Só havia um filho que se interessava, nenhum deles era biólogo de formação acho eu.

C.D.: Não, mas era engenheiro agrónomo ou assim, estava sensibilizado para a questão dos dados.

A.C.: Nós aqui já tivemos uma senhora que queria oferecer uma colecção, brutal, a colecção era brutal, uma colecção de molúsculos, só que ela exigia tanta coisa e a colecção não estava assim. Não tinha dados anexos que nos interessassem. O valor da colecção para nós desceu logo imenso, e portanto não cedemos às exigências dela e ela levou a colecção com ela.

Qual era a formação deste senhor dos insectos?

A.C.: Acho que era engenheiro agrónomo.

C.D.: O filho é que era professor universitário em Évora.

A.C.: Esse filho não era o que trabalhava, o filho que trabalhava nos insectos já tinha morrido. Por isso é que eles estavam a dar a colecção, já não havia na família ninguém interessado no assunto.

Mas a colecção não tinha sido iniciativa do pai?

Tinha, dum pai e depois dum filho, só que quando esse filho morreu eles resolveram dar a colecção porque já ninguém se interessava no assunto o suficiente.

Vocês fotografaram o local onde encontraram a colecção? Como estava colocada?

A.C.: Não, nós trouxemos, aliás, nós não temos condições nenhuma, eles deram-nos uns armários onde estavam metidas as caixas das borboletas. Vieram para aqui e é onde estão agora.

Alexandra e, vocês normalmente não fotografam a colecção no local?

A.C.: Não.

E falam com as pessoas para perceber o historial da colecção em si, o aspecto humano da colecção?

A.C.: Sim, nesse aspecto a Alexandra deve ter mais dados. As pessoas começam logo a contar. Estes estava a custar-lhes muito, andavam a ver onde e que haviam de pôr a colecção, ainda pensaram mandá-la para o estrangeiro, contactaram a Universidade do Porto que lhes disse que o único que tinha condições para ter os insectos éramos nós, porque eles ainda estão pior que nós. Agora Coimbra vai estar melhor. Mas os senhores vieram e puseram uma condição: nós temos uma condição na doação que é, se algum dia não tivermos condições para manter a colecção, a doaremos a uma Instituição com condições para isso. Uma instituição ímpar da nossa. Dentro ou fora do país.

As observações que fizeram do próprio local, foram importantes, ficaram registadas?

A.C.: Não. Nós não temos muita prática de ir buscar colecções, não é muito comum isso acontecer, está-nos a acontecer agora pela segunda vez a doação de uma colecção.

O que é que é vulgar?

A.C.: O que é vulgar é nós estarmos ligados a projectos de investigação e o material vai surgindo assim, ou professores da faculdade que tem projectos e que depois de acabarem o trabalho depositam cá o material.

E nesse caso vocês vão ao local, ou como conhecem o investigador e confiam nele...

A.C.: Normalmente vêm (eles).

Não vão ao local nem nada?

A.C.: Não. Normalmente não.

E quando chega ao Museu o exemplar o que é que acontece? As pessoas mostram interesse?

A.C.: O resto das pessoas do Museu?

Sim, a nível humano há interesse, há curiosidade?

A.C.: Sim... Se considerar o Museu aqui a Zoologia há interesse, somos muito pouquinhos, agora se considerar o Museu, a politécnica toda e a coordenadora, não ligam nenhuma, não.

Acrescentava alguma coisa relativamente a este ponto sobre como é que são feitos a inventariação e a arrumação uma vez que entra uma colecção destas no Museu?

A.C.: Foi logo arrumada. Requisitámos o máximo de pessoas possível para poder ajudar e é logo arrumada. Agora, é as fichas...que ainda estão todas para ser introduzidas na base de

dados. São milhares de dados. Não temos pessoal. Na colecção de insectos, neste momento temos uma preparadora e é muito difícil a gente dar vazão, sinceramente este é nosso problema maior.

E quem é que irá inserir estes dados todos no sistema informático?

A.C.: Sinceramente somos nós. Quando é a nossa colecção somos nós. A colecção de insectos não sei. Nós concorremos a um projecto da FCT que abriu uma linha ligada a estas coisas. Mas não tivemos o projecto porque os projectos foram avaliados como projectos científicos e o nosso não era de facto. Nós estávamos a tentar arranjar pessoal e condições de conseguirmos inventariar o nosso material todo e de nos ligarmos a redes internacionais de biodiversidade e não conseguimos. Portanto nós temos muitos problemas de pessoal e de dinheiro para pagar a pessoal para fazer isso.

Portanto, de momento com as condições que há, são as próprias pessoas que estão aqui no departamento que aos bocadinhos vão inserindo os dados?

A.C.: Sim, investigadores e tudo.

Não há pessoas especificamente dedicadas a isto?

A.C.: Não. Era bom que houvesse mas não há.

Se calhar isto depois, ficarão bem os registos? Porque são várias mãos que irão inserir os dados...

A.C.: Normalmente a gente temos vários níveis. Ou temos uma pessoa a introduzir que não é especialista e introduz e depois chama e nós validamos os dados, ou seja, é tudo verificado, e aí já é uma pessoa que percebe do assunto a validar. Ou então, é o próprio, como eu ou ela que introduzimos dados e validamos e mesmo assim temos que fazer a verificação porque há erros.

C.D.: A base de dados tem uma data e dá para ir introduzindo várias datas conforme se vai passando de nome na base de dados, por isso depois sabe-se mesmo se foi validado.

A.C.: E agora estamos a tentar neste momento há umas bases específicas para Biologia e História Natural e nós estamos a tentar aderir a essas bases que são de uso grátis, que se chama *Specify*. Estamos a ver se conseguimos aderir a essa base, ter um servidor para os dados irem todos para o servidor, porque nós temos só os nossos computadores pessoais. O Museu nem paga os computadores, muitas vezes são das pessoas.

Alexandra, quando me diz que há uma base, essa base foi feita por quem, em que condições será utilizada?

A.C.: Há várias bases a nível... internacionalmente para tentar meter os dados que tem a ver com biodiversidade, no fundo é isto, portanto são bases que estão trabalhadas para o nosso tipo de dados.

Mas vocês vão buscar essa base a onde, a uma empresa que a fabrica?

A.C.: São universidades, umas são pagas, outras não, esta *Specify* acho que é feita por uma universidade americana.

Fazem um protocolo com eles ou é uma aquisição da base?

A.C.: Não, pode-se fazer um download, eles dão apoio para tirar, é uma coisa assim, aparentemente, desinteressadamente. Sim porque depois o intuito é o que se está a tentar fazer a nível de biodiversidade é tentar redes internacionais dos dados que é para de qualquer lado se ter acesso e essas bases depois permitem a ligação a essas redes internacionais como o Gbif uniformizar os campos e essas coisas.

Mas então quando vocês dizem a nível internacional é mesmo mundial?

A.C.: Mundial, sim.

Esta iniciativa é de quem? Dos americanos?

A.C.: Há várias iniciativas nesse sentido, na Europa há umas quantas iniciativas, há várias iniciativas, mas o *GBIF* é europeu, acho que é financiado pela comunidade europeia, não é?

Pode escrever-me o nome?

A.C.: Isto quer dizer *Global Biodiversity Information*, qualquer coisa... *Foundation*, não sei bem. E portanto o que se está a tentar...*Information Facility*. O que isto está a tentar é que cada país tem um nó. Vai funcionar por nós. Portanto nós teríamos que ter um nó, que está a ser formado, os espanhóis têm um nó também e portanto isto depois vai funcionar em rede através de vários nós. A base a que a gente quer aderir, pode ver também na *Net*, é o *Specify*. Isto tudo porque através destas coisas tenta-se que a informação seja uniformizada através de um sistema que é o *Darwincore*. Isto para haver a uniformização da informação... até agora o que acontecia é que conforme os museus e as pessoas, a informação, uns iam buscar mais uma coisa outros outras e uns buscavam a latitude e a longitude, outros buscavam não sei o quê, portanto a coisa estava muito... portanto os dados acabavam por não ser uniformes e é isso que se está a tentar fazer é uniformizar os dados.

Então isto é a rede e isto é a base de dados que se utiliza para inserir os dados?

A.C.: Que nós queremos usar porque é gratuita, no fundo é isto.

C.D.: Foi desenvolvido pelo *National Science Foundation* nos Estados Unidos.

A.C.: Isto podem-se usar várias, desde que sigam este tipo de campos e depois se integrem na rede, tanto faz a base de dados que se usa, nós agora o que estamos a fazer é por tudo em Excel, com os campos definidos pelo *Darwincore* para ser fácil de fazer o transporte para outra base de dados.

Para o *Specify*?

A.C.: Sim. O *Specify* vai-nos permitir outro tipo de coisas, por exemplo vai ter, que o Excel não tem, uma maneira de dar entrada aos dados diferente. Depois permite-nos, por exemplo, fazer vários níveis de acesso à base de dados. Ou seja, a base de dados ser usada só pelo utilizador, a pessoa que introduz os dados ter um nível de acesso, o investigador ter outro nível de acesso e por aí adiante, permite-nos isso, e permite-nos adicionar campos que não estejam definidos pela base mas que nós achemos aqui que são importantes, portanto tem essa flexibilidade.

Isso tudo no *Specify*?

A.C.: Sim.

Mais campos do que aqueles que contempla a base de dados?

A.C.: Sim, eventualmente, o Darwincore tem vindo a evoluir, tem estado também a sair...há campos que interessam a umas colecções, há campos que interessam a outras, portanto interessa-nos tirar uns pôr outros.

Quando é que vocês vão começar tudo isto? Ou já começaram?

A.C.: Quer dizer o *GBIF* já está... é uma coisa a nível nacional, não é só nós, tem tido aí umas... são várias instituições com dados de biodiversidade que estão nisso, o Darwincore já temos o Excel com os campos do Darwincore, portanto vamo-nos informando.

Então tiraram da *Internet*, pediram autorização?

A.C.: Sim, eles têm na *Internet* os campos todos que devem constar.

Tiraram essa informação toda, e já estão a trabalhar no *Specify*?

A.C.: Não, já temos a Cristiana... estamos à espera da última versão, a versão mais versátil está para sair, temos que... Estamos juntos, estamos a discutir com Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) já estão estabelecidos alguns contactos com a tal *National Science Foundation*, enfim, estamos a trabalhar nesse sentido, mas ainda não estamos a trabalhar com isso, por isso entretanto vamos pondo os dados em Excel para depois ser fácil...

Numa base de Excel criada por vocês?

A.C.: Sim.

Que é o que tem estado a funcionar até agora desde que vocês entraram aqui no departamento?

A.C.: Não, quando nós entrámos estava a funcionar... na nossa colecção não havia nada, o resto era só feito em papel.

Mas isso foi... a sua entrada foi há quatro anos atrás, em 2004, era só feito em papel?

A.C.: Sim, e as colecções estavam todas desorganizadas também. Há quatro anos esta sala aqui de exposição era uma sala de arrumação, onde estavam colecções, onde estava lixo, onde estavam as oficinas, onde estava tudo, era um depósito. E nós resolvemos fazer uma limpeza, tem esta sala e mais duas grandes, mudámos as colecções todas de sítio, estas colecções estavam todas desordenadas e abandonadas no corredor.

Então foram vocês que separaram mamíferos por um lado...

A.C.: Não, estavam mais ou menos separados, os mamíferos já aqui estavam, as aves, pusemos todas as aves aqui, a antropologia que é talvez a nossa melhor colecção foi toda mudada, estava toda nesta sala foi toda mudada para dois sítios diferentes, os peixes também foi tudo mudado, os invertebrados também, foi tudo mudado, excepto os mamíferos que já aqui estavam.

E cada colecção num local específico?

A.C.: Sim, onde arranjámos lugar nas salas de exposição grandes.

E nesse momento que salas de exposição estão vazias? Essa que nós vimos agora e mais alguma? As outras duas também?

A.C.: Sim, uma é aquela que a gente pretendia que fosse a sala de colecções porque é uma sala interior, mas precisa de obras, portanto neste momento já está com colecções e está a servir de arrecadação outra vez e temos outra sala mais à frente que está fechada agora, teve uma exposição até sexta-feira. E depois ainda temos outras salas de colecção, uma está em obras porque houve inundações, e pronto.

4. O Museu manifesta-se

Pode falar-me dos temas que mais interessam ao Museu para um reconhecimento das peças ou objectos que nele entram, dando conta sobretudo:

- 4.1. De aspectos relacionados com a história do bem/exemplar: material de que é feito, funções que exerceu ou exerce, o seu autor ou autora, as circunstâncias em que foi feito, o seu valor estimativo para as pessoas que o tinham na sua posse;
- 4.2. De aspectos relacionados com a história da pessoa ou pessoas que o usufruíram;
- 4.3. Gostava de saber se o registo destas informações é tido por essencial:
 - 4.3.1. Para se prepararem exposições no futuro;
 - 4.3.2. Para a história do Museu e das suas actividades;
- 4.4. Estes estudos e inventários permitem considerar o bem/exemplar que entrou no Museu, ou a colecção que passou a fazer parte do seu espólio, objectos que antes tinham uma *vida em sociedade*?

A.C.: Nós tentamos que os exemplares tenham toda a história associada que tiverem. Nós queremos registar tudo. São dados biológicos, interessa-nos isso claro.

Mas vão à procura de tudo que tenha a ver com dados biológicos daquele exemplar?

Tudo, a forma de vida daquele exemplar...

A.C.: Não, não...

Ai não?

A.C.: Não, depois há alguns exemplares que são estudados por alguns investigadores e esses ficam com a informação mais completa.

Mas são situações extraordinárias?

A.C.: Não, a vezes é um investigador que vem estudar um determinado grupo, por exemplo, aí as coisas completas. Agora é impossível estudar milhares de espécies que aqui temos, não é?

Claro, mas pelo menos aquelas que são completamente extraordinários...

A.C.: Sim,.. algumas coisas sim...

Por exemplo, o valor estimativo que o exemplar, ou exemplares, tinham para as pessoas que a tinham na sua posse antigamente. Outro tipo de dados que tenham a ver com a vida antes de entrar no Museu...

A.C.: Temos muito poucos exemplares, quer dizer a vida dos exemplares antes de entrar para o Museu normalmente é a vida, aqui é a morte, não é, porque são animais...

Sim, mas e na fase que estiveram por exemplo como estes insectos na mão de um coleccionador...

A.C.: Aí terá interesse, mas a maior parte dos nossos exemplares não têm essa história, vieram do rio ou do mar para o frasco, portanto não tem um valor estimativo nesse aspecto.

Esse tipo de informação toda que me disse que recolheu, a informação biológica, é utilizada depois nesta segunda vida no Museu para outros objectivos?

A.C.: Sim.

Por exemplo, preparação de exposições, documentação da história do Museu, outras coisas...

A.C.: Sim, quer dizer, as nossas colecções, chamamos colecções científicas e portanto, o intuito e para o que elas servem mais, é para estudos científicos.

Mais do que para exposições, ou outro tipo de coisas?

A.C.: Mais, muito mais. Nós até os exemplares científicos não gostamos muito de os pôr em exposição. Normalmente ficam mal tratados.

Por razões de conservação?

A.C.: Sim, e portanto o nosso interesse é mais científico nesse aspecto, portanto para estudar a biodiversidade, para estudar a história de uma espécie qualquer e o grande interesse das nossas colecções é exactamente a documentação da biodiversidade.

E depois dessa documentação da biodiversidade que parte costumam pôr à disposição do público através de catálogos, exposições e outro tipo de iniciativas, ou seja como comunicam com o público, e sobretudo que parte dessa realidade é que vão dar ao público?

A.C.: Fazemos sessões, no ano passado fizemos no dia da Ciência, estiveram ali os investigadores a receber as pessoas, a explicar o que é que faziam, tínhamos uns posters de que tipo de informação é que sacamos e para que é que servia, demos esse tipo de informação. Agora não temos muito esse costume... quer dizer, acho que é uma coisa que está a crescer aqui, mas...

Está em fase inicial?

A.C.: Sim... Como Museu, estamos ainda numa fase de embrião.

Estes estudos que vocês fazem que formam parte do inventário consideram o exemplar como exemplar que antes tinha vida própria? Os vossos estudos permitem perceber isso?

A.C.: Percebemos que têm vida porque são animais.

Mas até que ponto essa informação permite perceber que tipo de vida tinham?

A.C.: Se for estudado... Digamos que o Museu em si, a função da colecção é permitir que depois se consiga estudar isso, não é?

5. Projectando o Museu ideal.

Que é que fazia?

A.C.: Fazia tudo!

5.1. Indique-me que propostas apresentaria para actualizar e conferir maior eficácia ao quadro de funcionários/as do Museu, falando em especial:

5.1.1. Nos conhecimentos que uma pessoa deve ter para estudar e inventariar objectos e colecções;

5.1.2. Em outras categorias profissionais relevantes para o estudo e inventário de objectos e colecções de diferentes naturezas;

5.1.3. Nas categorias profissionais que gostava de criar para aperfeiçoar o trabalho de inventariação.

5.2. Fale-me do que faria para transformar o seu Museu num lugar ideal para o público, no que tem a ver com o acompanhamento de visitantes.

5.3. Indique-me como transformava o seu Museu num lugar ideal para o público, referindo mais especificamente as questões que envolvem contactos e relacionamentos com a população envolvente.

Relativamente ao quadro de funcionários, ao pessoal?

A.C.: Pedia mais gente a todos os níveis, nós somos mesmo muito poucos, quer investigadores, quer técnicos.

Por separado?

A.C.: Sim, quero dizer, nós precisamos muito de técnicos de pessoas que saibam lidar com as colecções.

Técnicos em diferentes áreas?

A.C.: Sim, exactamente. Primeiro o preparador, a pessoa que saiba preparar, depois o biólogo que percebe do, não eh? E depois os investigadores que fariam a sua investigação. Porque os museus de história natural têm três missões básicas, uma delas é a investigação, a outra é as colecções e depois temos a parte da divulgação da ciência por trás, e portanto precisávamos de gente para cumprir estas três missões, divulgação temos muito pouco, não temos ninguém que perceba verdadeiramente de exposições, como comunicar, esse tipo de coisas acho que precisávamos de gente.

Um departamento de museologia, com especialistas dessa área?

A.C.: Exactamente um departamento de museologia e de educativos.

Serviços Educativos?

A.C.: Não há. Até temos, mas temos muito pouca gente.

Nessa função de divulgação criava uma equipa de especialistas relacionados com o Museu em si? E que incluísse um bom Serviço Educativo?

A.C.: Sim. Acho que sim.

Isto é na função divulgação e nas outras funções?

A.C.: Nas outras funções tínhamos as colecções que precisamos de gente para trabalhar nas colecções.

O quê por exemplo?

A.C.: É o tal técnico que faz a preparação, são os tais técnicos que medem dados, e é, a gente chama-lhe o curador, que percebe do grupo animal em questão e que ordena aquilo sistematicamente, identifica, esse tipo de coisas. Nós temos esse tipo de trabalho. Temos que identificar as espécies... e portanto a pessoa tem que estar mais ou menos dentro daquele grupo de trabalho. E o que acontece aqui e que como nos temos pouca gente. Se a gente for ao Museu de História Natural de Londres, há um especialista para cada família ou para cada género daqueles bichos, não eh? E nós temos uma pessoa a tomar conta de uma série de filmes diferentes e portanto é impossível aquela pessoa conseguir identificar todo aquele tipo de variedade de animais.

Quando me fala em colecções, não falta um especialista em colecções que é alguém que tome conta do estado de conservação das várias colecções, das condições em que estão nas reservas, da manutenção...

A.C.: Sim, claro, isso somos nós que fazemos, portanto a coisa acaba por falhar, porque em cima de uma pessoa está tudo.

Pensando no Museu ideal quem é que faria esse papel?

A.C.: Podiam ser esses técnicos que faziam a preparação que faziam a verificação. Porque, por exemplo, para colecções de líquidos é preciso verificar os alcóis. Se estiverem bem armazenados, se a temperatura for a ideal, se os frascos forem bons, em princípio o álcool mantém-se. Portanto é uma verificação que tem que acontecer, mas que não exige um trabalho muito árduo porque como aquilo está nas condições ideais mantém-se naturalmente. Nós, como não temos nas condições ideais... às vezes vamos encontrar os bichos secos, porque não houve tempo para fazer as coisas.

E depois é a investigação, sim porque de quadro temos muito poucos investigadores. Nós temos três acho eu.

Três investigadores?

A.C.: Sim, mas só aqui na Zoologia, ao todo serão sete ou oito no Museu de História Natural. De quadro... conseguimos agora dinamizar, isto era muito mais morto e temos muitas pessoas a fazer doutoramento, Pós-docs e portanto o concelho científico daqui já são cerca de vinte e tal pessoas no total.

De investigação?

A.C.: Sim, mas que normalmente também trabalham nas colecções, porque não há tempo suficiente.

Essas 20 e tal pessoas são funcionários e bolseiros e coisas assim, todos ligados à investigação?

A.C.: Sim.

E repartidos pelos três departamentos do Museu?

A.C.: Sim.

Relativamente à questão do inventário, quem é que trabalha esta questão no MNHN? Ninguém?

A.C.: Ninguém. Quer dizer, nós trabalhamos a questão de inventários como eu lhe contei, estamos a tentar resolver o problema e para já estamos concentrados aqui nas colecções de Zoologia, vamos tentar pôr os dados em rede na tal base de dados, mas somos todos. Quer dizer nós temos uma coisa que fizemos na zoologia que é um concelho de colecções. Reunimos de x em x tempo, os conservadores de cada colecção e tomamos decisões, fizemos a política de colecções, portanto estamos a tentar montar o esquema. Mas estamos para já, a tentar aqui dentro.

No vosso departamento.

A.C.: Sim, porque é muito difícil avançar para os outros departamentos. Também porque há aquela coisa, há pessoas que se apoderam das colecções, que acham que as colecções são delas e depois não deixam ninguém ver, não deixam ninguém mexer, aquelas coisas assim, quando o valor das colecções vem pela utilização que elas têm, não é? Se não for utilizada, não serve para nada, é uma porcaria, não presta, portanto há esses problemas e portanto nós estamos para já a tentar resolver aqui a situação para depois quando avançarmos para os outros departamentos já levarmos uma coisa mais construída, mais feita para eles aderirem mais facilmente.

Portanto estava-me a dizer que inventariantes não há nenhum, as próprias pessoas que integram o departamento são as que vão arranjando tempo para tratar desse assunto, e portanto as pessoas que integram o vosso departamento... A Alexandra disse-me que está aqui há quatro anos.

A.C.: Sim, eu sou técnica superior, sou bióloga, técnica superior de zoologia. Portanto nós temos investigadores...

Aqui neste departamento?

A.C.: Sim. Temos neste momento duas investigadoras, temos técnicos superiores que fazem várias coisas, temos dois que estão nos Serviços Educativos e Expositivos, temos três que estão nas colecções, um deles é doutorado, faz investigação. Colecções e investigação são os técnicos superiores, e depois temos técnicos profissionais. E aqui há várias coisas, há técnicos profissionais que estão adstritos às colecções, como há um técnico para os insectos, há uma para a colecção de peixes, há um para a colecção de mamíferos, há um para as aves, pronto.

Quantos técnicos ao todo?

A.C.: Técnicos profissionais?

E depois temos alguns que fazem funções administrativas, mas ao todo?... Serão seis? Sete? A volta de oito, talvez.

Então investigação, duas pessoas, mas com que nível de formação?

A.C.: São os do quadro, doutoramento.

E técnicos superiores?

A.C.: Licenciatura.

Aí está a Alexandra?

A.C.: Sim.

E não são do quadro?

A.C.: Sou. Eu não sou destas, aqui dos expositivos há dois que são licenciados e... estes cinco estão todos no quadro. Isto que eu lhe estava a dizer é tudo quadro, depois o resto é estudantes e bolseiros.

E eles também fazem parte do tal inventário?

A.C.: Também. Temos uma pós-doc, que o projecto que ela tem mesmo a ver com inventariação de colecções de mamíferos e aves creio eu, portanto ela está mesmo a trabalhar nisso. Portanto também vai fazendo.

Mas trabalha em equipa com vocês?

A.C.: Nós tentamos não fazer diferença no funcionamento entre os do quadro e os não do quadro, porque depois para trabalhar têm as suas funções, não interessa se é do quadro. Só quer dizer que daqui a uns anos vão-se embora, o que é chato, mas pronto. Mas é um quadro muito pequenino somos para aí quinze ou dezasseis pessoas, entre administrativos, técnicos profissionais, investigadores, acho que somos menos talvez doze.

Quinze.

A.C.: Quinze.

Aqui temos dois técnicos superiores...

A.C.: Sim de Serviços Educativos e Exposições. Temos um do serviço educativo e outro que dá mais apoio às exposições.

E a Alexandra, onde é que esta?

A.C.: Eu estou aqui nas colecções.

Por exemplo, nas colecções... a sua formação é Biologia. E as outras duas pessoas?

A.C.: Somos três de Biologia.

E os técnicos que estão ligados ao Serviço Educativo?

A.C.: Tudo biólogos.

E aqui também?

A.C.: Não, aqui já só têm a formação de 12º ano ou menos.

Pensei que havia algum curso de três anos...

A.C.: Havia antes. Agora nós temos dificuldade porque os quadros não foram mudados e portanto não há técnicos profissionais nesta área. Agora já estão a fazer outra vez cursos técnico-profissionais. E portanto as pessoas formaram-se aqui muito, algumas, mas estão a acabar. O nosso problema é que os técnico-profissionais estão a acabar e não há pessoas a aprender as novas técnicas.

A vossa facha etária, ou seja que idade vocês têm em termos gerais, por exemplo, o pessoal de investigação?

A.C.: 42, 43 anos.

Aqui os técnicos superiores?

A.C.: Eu sou a mais velha e tenho 48 anos.

E os outros técnicos superiores?

A.C.: A mais nova é a Diana, tem 32.

E os outros três?

A.C.: O Fernando tem cerca de 40, 42, o Jorge tem para aí 38, 39.

Fernando é do serviço educativo, Jorge é das exposições...

A.C.: Sim mas estão os dois a trabalhar na “Aventura na Terra” neste momento. Tínhamos mais outra requisitada de uma escola que agora voltou para a escola.

Aqui é a Diana com 32 o Zé Pedro tem para aí 44 e eu tenho 48.

E entre os técnicos profissionais?

A.C.: Isso, a idade é maior.

Mais velhos? Pensei que era ao contrário.

A.C.: Não, eu sou a mais velha disto tudo e entrei à pouco tempo, porque isto era um quadro de velhos, o problema é que foram-se reformando e não foram substituídos.

Qual foi a via de entrada então?

A.C.: Eu, foi um concurso.

Um concurso público?

A.C.: Sim.

E as outras pessoas?

A.C.: Tudo concurso. Um deles (Serviço Educativo) foi requisitado a uma escola e acabou por ficar, mas os outros foi tudo concurso público.

Concurso público em 2004?

A.C.: Não, este entrou antes de mim (o das exposições), eu entrei em 2004, o Zé Pedro veio transferido do ICN, e a Diana entrou por concurso também agora há dois anos.

Ou seja, nos últimos anos este departamento tem estado a sofrer uma pequena reformulação não é? Entrou pessoal novo e o que entra é fixo.

A.C.: Sim.

Que género domina? Mulheres ou homens? Em que áreas temáticas.

A.C.: Não sei bem. Duas mulheres, investigação, aqui são dois machos, aqui é um macho e duas fêmeas, isto é, nos de formação superior. Depois nos técnicos profissionais temos três homens e depois temos a Ana Maria. Não, quatro homens, falta um, ao todo e para aí quatro mulheres.

Mais ou menos igual, não?

A.C.: Sim.

Curioso.

A.C.: Porque há mais mulheres a formarem-se biólogas. Mas eles também arranjam emprego mais fácil.

Porque será?

A.C.: Não sei, a função pública não pode... não discrimina. Acho que foi por acaso.

A experiência profissional que tinham antes de entrar aqui?

A.C.: Eu já tinha feito muita coisa, já dei aulas, já trabalhei num Serviço Educativo do Ministério do Ambiente e tive também uma bolsa, não cheguei a acabar o doutoramento, ainda o tenho para acabar. Portanto fiz investigação durante muito tempo com bolsas e metida em projectos, e depois dei aulas.

Portanto, tudo o que tem a ver com o que faz neste Museu, aí tinha muita experiência.

A.C.: Sim, sim, tinha.

E as outras pessoas os outros técnicos superiores, também traziam experiência quando entraram aqui no Museu?

A.C.: O Zé Pedro que está aqui nas colecções, ele está a tentar passar para investigador porque tem doutoramento e faz investigação, e continua mais a fazer investigação aqui. Tem uma colecção, a colecção das aves a cargo dele, mas faz investigação de facto, e é um bom investigador. Depois a Diana, não, tem só 32 anos, acabou o curso, fez umas coisitas e veio para aqui, é mais crua.

E possibilidades de actualização da vossa formação? Estão contempladas em algum momento?

A.C.: É muito difícil, não há dinheiro, mas por iniciativa própria, eu e a Diana fomos a um curso de colecções que foi o (...) existe um movimento, um projecto que é o Síntesis, que é entre museus de história natural europeus, e eles fazem formação em colecções de História Natural. E agora vamos à Bélgica também, estamos a tentar arranjar dinheiro, vamos a um workshop de colecções de História Natural. Vamos tentando fazer assim umas coisas, mas é assim, o orçamento para as colecções tem sido zero.

Que seria o que tinha mais a ver com o inventário?

A.C.: Exactamente, não querem, ninguém dá dinheiro nenhum para as colecções, se não fosse a investigação e os projectos de investigação as colecções estavam abandonadas. Não fossem os investigadores estarem ligados às colecções e conseguirem através dos projectos ir tirando algum dinheiro, não havia dinheiro nem para alcool, nem para frascos, nem para nada.

A própria Universidade não...

A.C.: Não, quer dizer, devia ser aqui, o Director. Mas há pouco dinheiro, orçamento zero, só pagam os ordenados e pouco mais, e depois só querem saber daquilo que é mais visível ao público e a comunicação social e tal.

Falando em dinheiro e tudo isto e os ordenados, qual é a vossa remuneração, a das pessoas ligadas as colecções?

A.C.: Depende, nós estamos na tabela da função pública, portanto como técnicos superiores licenciados, dependendo dos anos de serviço, o nosso ordenado começa nos 1000, 1000 euros para aí... e o mais alto de nós ganhará 1600, não sei bem.

Brutos?

A.C.: Não, líquidos.

Por exemplo, os 1600 são para quem? Quem tem mais de 10 anos de carreira?

A.C.: Sim, para aí...

Eu desconheço.

A.C.: Eu não ganho tanto, eu ganho 1200 e tal. Eu acho que quem ganha 1600 é o Zé Pedro que tem mais anos de carreira.

E que tem o doutoramento.

A.C.: Mas aqui o doutoramento não influencia, só influencia na progressão, progride mais depressa, mas...

É mais os anos de experiência, então...

A.C.: É, porque ele já vinha do ICN, portanto já era funcionário público há mais tempo.

Mas por exemplo a Alexandra tem mais de 10 anos de experiência profissional.

A.C.: Mas não tenho na função pública.

São 10 anos na função pública que permite começar a ter outros rendimentos?

A.C.: Sim, quer dizer, agora ainda ficou pior com esta nova legislação. Agora um investigador já ganha 2500 euros para aí.

Os dois investigadores?

A.C.: Sim à volta disso, eu não sei bem. Os técnicos profissionais ganham entre os 600 e os 900 euros, talvez, não faço ideia.

Falando do Museu ideal e desta questão do inventário, o que é que fazia por exemplo, criava novas categorias profissionais para poder abordar esta temática de uma forma mais profunda?

A.C.: Não acho que fosse preciso novas categorias, era preciso atribuir funções às pessoas.

Ter pessoas não é?

A.C.: Ter pessoas e as pessoas terem funções e objectivos mais específicos. As pessoas terem funções e objectivos atribuídos, acho que chegava.

Portanto para aperfeiçoar o trabalho de inventariação era aquelas pessoas que me disse e depois organizar a situação.

A.C.: Exactamente.

Fale-me do que faria para transformar o seu Museu num lugar ideal para o público, no que tem a ver com o acompanhamento de visitantes.

No que diz respeito ao acompanhamento de visitantes, também já me comentou mais ou menos, que também precisava de reforçar o quadro não é?

A.C.: Sim.

Em acompanhamento de visitantes tinha-me dito que tinha uma pessoa no Serviço Educativo?

A.C.: Exacto. O que eles têm estado a fazer é ateliês com monitores exteriores. Portanto, há menos lucro para a casa, porque são pagos os ateliês, portanto auto-pagam-se.

Mas a pensar no Museu ideal, teria uma equipa própria.

A.C.: Claro. Quer dizer, algumas coisas podiam ser contratadas de fora, mas tinha que se ter uma equipa a trabalhar.

Indique-me como transformava o seu Museu num lugar ideal para o público, referindo mais especificamente as questões que envolvem contactos e relacionamentos com a população envolvente.

No que tem a ver com contactos e relacionamento da área envolvente, como é que funciona isso, vocês não têm?

A.C.: Não.

Pela temática do próprio Museu?

A.C.: Não.

Não chegámos a ver desde que ano está aqui localizado o Museu.

A.C.: Pois não, tenho que perguntar.

Porque será que as pessoas que vivem nesta área de Lisboa terão alguma relação com o Museu.

A.C.: A altura que isto teve mais peso para a população foi quando isto era faculdade, porque estava cheio de estudantes, os estudantes invadiam a zona, eu estudei aqui...

Quando é que era faculdade então?

A.C.: Então eu entrei para a faculdade em 78/79 a seguir ao incêndio e saí em 83 e fiz o curso todo aqui, era Faculdade de Ciências de Lisboa. Acho que ainda ficou pelo menos mais 5 anos.

E era Museu também?

A.C.: Era as duas coisas. Só que esta parte... eu já só entrei para a faculdade depois do incêndio, portanto andei aqui com obras, portanto esta parte nem sequer era acessível às pessoas, porque estava em obras. Isto é tudo madeira e alcool das colecções... foi mesmo uma chama.

Antes do incêndio já era faculdade e Museu?

A.C.: Era. Só que o Museu já estava fechado há muito tempo ao público.

E depois do incêndio voltou a abrir?

A.C.: Muito mais tarde. Quando eu andava aqui na faculdade, tínhamos objectos queimados por aí. E as obras que fizeram é o que se vê.

Quando é que reabriu enquanto Museu então?

A.C.: Oitentas e tais, oitentas e muitos, talvez noventas, até.

Pois, porque a famosa exposição dos dinossauros era de 92 por aí.

A.C.: Então foi nessa altura que voltou a abrir.

Foi com essa exposição que abriu?

A.C.: É capaz de ter sido.

Por mim a entrevista está acabada, podia-mos era ver agora o Museu e como é que conservam os dados, como é que gerem as coisas...

A.C.: Nós estamos um bocado atrasados nessas coisas. Eu tenho aqui é..., cada um de nós tem a base de dados da nossa colecção. Eu tenho em disco rígido a minha e a dela e ela tem num disquinho a minha e a dela, por segurança, mas de resto.

Quando diz a sua colecção é?

A.C.: Os invertebrados marinhos, em terra, não é comigo. E portanto tenho aqui uma tabela Excel com os tais campos do Darwincore, nós temos um código que não é este, agora vamos ter um código para tentar pôr em código de barras também, e portanto cada colecção tem um número atribuído e depois cada objecto tem outro número atribuído, isto é o *field number* que normalmente as pessoas têm também um registo do número delas, número de estação de colheita ou assim. Isto é o nosso número de catálogo, e depois temos nome científico, pertence ao reino animal, etc. Portanto isto é tudo sistemática, família, género... Por cada nome científico tem sempre um autor associado, isto é quem é que identificou, isto é uma colecção que vem do IPIMAR, foi identificada por uma investigadora de lá, o colector, a data que está dividida aqui nestas coisas; onde, quando há distrito e sítio... aqui por exemplo é o oceano, portanto não ponho nada, agora aqui ponho a localidade, tenho latitude e longitude, quando tenho. A precisão das coordenadas que, nos dados mais antigos também não existe. Hoje a latitude e a longitude tem várias maneiras, o que muda um bocadinho, tem que se ter o sistema associado.

Há aqui coisas que não temos dados, tem que se definir dados, e depois o que acontece aqui é que por exemplo no caso dos mamíferos e das aves é um exemplar, é um número, aqui não... da mesma espécie, chego a ter 300 bichos com o mesmo número de colecção, são chamados lotes. E portanto não tem sexo, só quando é indivíduo, e depois o número de indivíduos que tem por frasco. Prateleira, ainda não está feito. De onde é que veio o projecto. Isto já são notas e é isto basicamente que consta do tal *Darwincore*.

Mas esse *Darwincore* é muito completo?

A.C.: É, eu não tenho informação para muitos desses campos.

Faz muito sentido no contexto que me explicou, por toda esta informação a funcionar a nível mundial. Está muito bem organizado, não está?

A.C.: Está. Estamos a tentar organizar, a tentar entrar no comboio agora, estamos um bocadinho atrasados. Depois temos uma colecção que não é muito boa, porque tínhamos uma colecção boa, mas que ardeu toda.

Quantos registos tem agora, Alexandra?

A.C.: Registos não tenho muitos, mas os invertebrados... tenho cerca de 8000 lotes.

E o que é que está inserido já no computador?

A.C.: Eu tenho muito pouco. Nesta colecção, porque tenho várias colecções, nesta tenho só 250 bichos, depois tenho estas outras, mais 100 ou 200. Esta também... Eu tenho muito pouco introduzido.

Quantas colecções?

A.C.: Depois temos as dos insectos, que houve uma altura que andei a trabalhar mais na dos insectos, e que há um senhor que tinha sido contratado e estava a tratar disso, só que é uma pessoa que falta imenso, está sempre de atestado, é bipolar... e portanto a coisa está mais ou menos parada, mas as bases de insectos estavam em... como é que isto se chama? Este programa da chave... Os insectos são cerca de 30000 ou 50000 aqui no Museu e ele tem metidos 8000 ou 5000, na outra tem mais não sei quantos, está dividido em bases, não sei porquê, tenho que resolver isso com ele. Mas ele está sempre a faltar. É muito difícil, precisamos de mais gente e o tempo que tenho para isto é muito pouco, tenho muitos bichos para entrar tenho que dar prioridade a isso porque se não o álcool seca e os bichos ficam em más condições, tenho que identificar bichos e não sei quê, portanto é muito pouco tempo que dedico à base de dados.

Alexandra, mais alguma coisa que não tenha saído naturalmente na conversa relativamente a inventário, colecções...

A.C.: Era essencial que a gente conseguisse uma sala de colecções com as condições. Para mim é isso. Isso fazia a diferença.

Uma sala de colecções e uma espécie de reserva muito bem equipada.

A.C.: Isso era de facto aquilo em que eu acho que a gente devia investir em primeiro lugar. E a partir daí eu acho que as coisas podiam crescer de outra maneira, agora assim as coisas...

Com a sala de colecções teria também um conjunto de gabinetes específicos para tudo isto, documentação das colecções, tratamento informático dos dados.

A.C.: Sim, uma sala de colecções devia ter anexo uma sala de preparação para as pessoas trabalharem, dado que a gente trabalha muito com álcool e com bichos... precisamos de uma sala com água e essas coisas.

Mais alguma coisa?

A.C.: Não. Não... Quer visitar o Museu?

Quero!

Obrigada.

Outras informações, relacionadas com questões não colocadas na altura da entrevista, e presentes no modelo final de guião utilizado no estudo.

Respostas obtidas, ao longo de 2010 e 2011, através de correio electrónico e por contactos telefónicos, com a colaboração de Alexandra Cartaxana.

2.3. Quais os critérios a seguir quando da incorporação de um bem/exemplar?

Podemos dizer que o nosso interesse concentrasse nas espécies de Zoologia em termos gerais, sempre que apresentem qualidade e que venham devidamente documentadas, quanto à tipologia, procedência, critérios de organização da colecção...

Sim porque não podemos esquecer que existe um objectivo prioritário, que é compensar as inúmeras perdas ocasionadas pelo incêndio.

5.2. Indique-me alguns dados sobre o pessoal relacionado com a função da inventariação no contexto deste Museu, referindo por exemplo: (confirmação/completamento de dados)

- O número de pessoas que desenvolve esta função no Museu: 5.
1 pessoa género Masculino e 4 género Feminino.
- As suas idades e sexos:
26-35: 1 F
36-45: 2 F
46-55: 1 M e 1 F
- A sua formação (áreas, níveis e actualizações):
Todos com formação em Biologia e com diversas áreas de especialização.
1 M e 2 F com doutoramento
2 F com Bacharelato/ Licenciatura
- A sua experiência profissional: nenhuma quando entraram no Museu.
- As suas condições de trabalho: funcionários/as na sua totalidade.
Recebendo remuneração situada entre os 1001 e os 1500 €: 1 F
Entre os 1501 e os 2000 €: 1 M, 1 F
Recebendo mais de 2000 €: 2 F

6.1. Fale-me do sistema de documentação e gestão da informação relacionada com o espólio do Museu, referindo em especial:

Bens inventariados no SGC do MNHN em finais de 2010 (ainda em Excel, e em fase de transição para o SGC internacional *Specify*)

- Número de bens que integram o espólio do Departamento de Zoologia: 69.291.

- Percentagem com inventário informatizado:

100% nas colecções de:

- Mamíferos (de um total de 6484) (preparada para migrar para o *Specify*)
- Aves (de um total de 2372) (já na base internacional *Specify*)
- Anfíbios e Repteis (de um total de 1.300) (preparada para migrar para o *Specify*)
- Larvas de Peixes (de um total de 140) (ainda em Excel)
- Tecidos e ADN (de um total de 9.555) (ainda em Excel)

Ainda em *Excel*:

- 92% na colecção de Antropologia (de um total de 1823)
- 80% na colecção de Entomologia (de um total de 27.000)
- 50% na colecção de Invertebrados (não insecto) (de um total de 12.900)
- 8% na colecção de Peixes (de um total de 7.717)